

ESTUDO DE CASO SOBRE O PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO E O PERCURSO ESCOLAR DE ESTUDANTES COM ALTAS HABILIDADES E SUPERDOTAÇÃO

CASE STUDY ON THE IDENTIFICATION PROCESS AND THE SCHOOL COURSE OF STUDENTS WITH HIGH ABILITIES AND GIFTEDNESS

ESTUDIO DE CASO SOBRE EL PROCESO DE IDENTIFICACIÓN Y LA RUTA ESCOLAR DE ESTUDIANTES CON ALTAS HABILIDADES Y REGALOS

Josiane Pereira TORRES¹ | Caroline Satie NASCIMENTO²
Daniele Pereira do PRADO³ | Divaldo BELLATO SOBRINHO⁴
Maria Rita Alves de LUCENA⁵ | Mariana BIASON⁶

RESUMO: Estudantes com altas habilidades/superdotação (AH/SD) enquadram-se como público-alvo da Educação Especial. Segundo a Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva, esses estudantes podem demonstrar potencial acima da média de forma combinada ou isolada nas áreas: intelectual, acadêmica, liderança, psicomotricidade e artes. No entanto, a literatura da área confirma que acompanhada das AH/SD algumas dificuldades podem fazer-se presente. Nesse contexto essa pesquisa teve como objetivo descrever os desafios e obstáculos do processo de identificação e escolarização de dois estudantes com AH/SD. Foram entrevistados dois estudantes identificados com AH/SD e suas mães, tais entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas. A análise dos dados foi qualitativa seguindo categorias construídas pelos pesquisadores com base nos objetivos do estudo. Os resultados evidenciaram que estudantes com AH/SD não necessariamente desfrutam de um percurso escolar pleno e sem desafios. Foi possível identificar entraves durante o processo de identificação ainda na infância de ambos participantes bem como a precária ou inexistente oferta de serviços os quais visam a evolução das AH/SD. O trabalho sinaliza a necessidade e importância da formação docente para lidar com as especificidades advindas das AH/SD bem como políticas públicas que reforcem a garantia de oferta de serviços especializados para esse público.

Palavras-Chave: Educação Especial. Altas habilidades. Superdotação.

ABSTRACT: Students with high abilities/giftedness are the target audience of Special Education. According to the Brazilian National Policy on Special Education in the perspective of Inclusive Education, these students can demonstrate above average potential in a combined or isolated way in the areas: intellectual, academic, leadership, psychomotor and arts. But the scientific literature confirms that high abilities/giftedness may accompany some difficulties. Thus, this research aimed to describe the challenges and obstacles of the process of identification and schooling of two students with high abilities/giftedness. The two students were interviewed and their mothers, the interviews were audio recorded and transcribed. Data were qualitatively analyzed and categories were constructed by the researchers based on the study objectives. The

¹ Docente na Faculdade de Educação (FaE) no Departamento de Administração Escolar da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Doutora em Educação Especial pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). E-mail: jtfisica@gmail.com

² Graduanda na Licenciatura em Educação Especial pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). E-mail: carolinesatien@gmail.com

³ Graduanda na Licenciatura em Educação Especial pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). E-mail: d.praado@hotmail.com

⁴ Graduando na Licenciatura em Educação Especial pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). E-mail: divaldo.bellato@gmail.com

⁵ Graduanda na Licenciatura em Educação Especial pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). E-mail: mariarita.f2@hotmail.com

⁶ Graduanda na Licenciatura em Educação Especial pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). E-mail: marianabiason7@gmail.com

results showed that students with high abilities/giftedness do not necessarily experience a challenging school course. Obstacles were identified during the process of identification in the childhood of both participants, as well as the precarious or non-existent offer of services aimed at the evolution of high abilities/giftedness. The work indicates the need and importance of teacher training to deal with high abilities/giftedness as well as public policies that reinforce the guarantee of offering specialized services to this public.

Keywords: Special Education. High abilities. Giftedness.

RESUMEN: Los estudiantes con altas habilidades / superdotados (AH / SD) entran en el grupo objetivo de Educación Especial. De acuerdo con la Política Nacional de Educación Especial desde la perspectiva de la Educación Inclusiva, estos estudiantes pueden demostrar un potencial superior al promedio de manera combinada o aislada en las áreas: intelectual, académica, liderazgo, psicomotricidad y las artes. Sin embargo, la literatura en el área confirma que acompañado de HA / SD algunas dificultades pueden estar presentes. En este contexto, esta investigación tuvo como objetivo describir los desafíos y obstáculos del proceso de identificación y escolarización de dos estudiantes con AH / SD. Dos estudiantes identificados con AH / SD y sus madres fueron entrevistados, tales entrevistas fueron grabadas en audio y transcritas. El análisis de los datos fue cualitativo, siguiendo las categorías construidas por los investigadores con base en los objetivos del estudio. Los resultados mostraron que los estudiantes con AH / SD no necesariamente disfrutaban de un camino escolar completo y sin desafíos. Fue posible identificar obstáculos durante el proceso de identificación en la infancia de ambos participantes, así como la oferta precaria o inexistente de servicios que apuntan a la evolución de HA / SD. El trabajo señala la necesidad y la importancia de la capacitación docente para abordar las especificidades derivadas de HA / SD y las políticas públicas que refuerzan la garantía de servicios especializados para este público.

Palabras clave: Educación Especial. Altas habilidades Dotación.

Submetido em: 14/07/2019

Aceito em: 02/10/2019

INTRODUÇÃO

Segundo a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008) define-se,

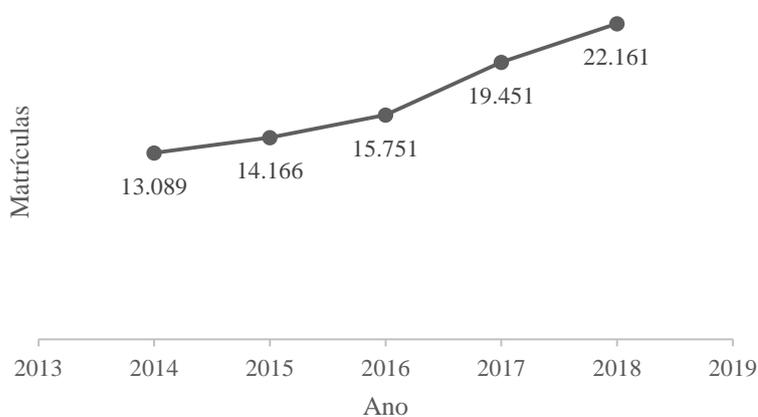
Estudantes com altas habilidades/superdotação demonstram potencial elevado em qualquer uma das seguintes áreas, isoladas ou combinadas: intelectual, acadêmica, liderança, psicomotricidade e artes, além de apresentar grande criatividade, envolvimento na aprendizagem e realização de tarefas em áreas de seu interesse (BRASIL, 2008, p. 11).

Esses estudantes são considerados do público-alvo da Educação Especial (PAEE) para os quais, também há previsão de acesso ao ensino regular e oferta do Atendimento Educacional Especializado (AEE) suplementar à formação de estudantes com AH/SD (BRASIL, 2011). No entanto, o direito da oferta desse serviço a esse público de estudantes ainda é recebido com espanto nas escolas tanto públicas como privadas, visto que ainda é frequente o desconhecimento que esses estudantes pertencem ao PAEE e que a legislação educacional da Educação Especial se estende a eles (PÉREZ; FREITAS, 2014). Esse desconhecimento, em parte surge da inexistência da discussão dessa especificidade nos cursos de formação de professores oferecidos pelo

Ministério da Educação (MEC), uma vez que todas as demais necessidades educacionais são abordadas nessas formações específicas (PÉREZ; FREITAS, 2014).

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) os indivíduos com AH/SD constitui cerca de 3% a 5% da população considerando aqueles identificados por meio de testes de QI (RECH, FREITAS, 2005). Do ponto de vista educacional, no Brasil, os dados de matrículas revelam que esses números têm aumentado ao longo dos anos, conforme pode-se observar no gráfico apresentado na Figura 1, o qual dispõe os dados de matrículas no intervalo do ano de 2014 a 2018.

Figura 1: Número de matrículas de estudantes com Altas Habilidades e/ou Superdotação na Educação Especial em Classes Comuns do ensino regular (eixo y) distribuídas por ano de levantamento censitário (eixo x).



Fonte: Elaborado pelos autores com dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP).

Os estudantes com AH/SD muitas vezes passam por despercebidos no ambiente escolar, reforçando assim a falta de preparo dos profissionais da educação no processo de identificação dessa especificidade (RECH, FREITAS, 2005; MARTINS, CHACON, 2016) sendo esse um fator que pode comprometer o desenvolvimento do potencial desse aluno.

É previsto que a identificação de necessidades educacionais dos estudantes do PAEE bem como a tomada de decisões quanto aos serviços necessários cabe a escola com o devido assessoramento (BRASIL, 2001), no entanto, a precária formação docente e da equipe escolar pode comprometer esse processo. E para o caso da devida identificação de estudantes com AH/SD quanto mais precoce for realizada pode ampliar as possibilidades de desenvolvimento e oferta de serviços adequados para esses estudantes e conseqüentemente uma expectativa ampliada para a real inclusão dos mesmos (PÉREZ, FREITAS, 2014).

E para além do destaque para o processo de identificação das AH/SD nas pesquisas científicas, há de se considerar o necessário enfoque para as esferas emocionais e sociais, ainda

pouco explorados pelas pesquisas (ALENCAR, 2007), mas sendo também de importância visto que estudantes com AH/SD podem apresentar problemas nesse sentido (VALENTIM; VESTENA; NEUMANN, 2014) os quais podem comprometer seu desenvolvimento.

Ainda emerge na sociedade compreensões do tipo senso comum dentre as quais assimilam as Altas Habilidades/Superdotação apenas com genialidade e autossuficiência, de maneira superestimada, podendo desencadear um esquecimento do necessário atendimento para esse público (VALENTIM; VESTENA; NEUMANN, 2014).

Nesse contexto, vê-se a pertinência no desenvolvimento de pesquisas com enfoque em investigar os obstáculos presente no percurso escolar e pessoal de pessoas identificadas com AH/SD, com vistas a desconstruir concepções errôneas acerca dessa especificidade e ampliar a discussão, necessária sobre as características intrínsecas às pessoas com AH/SD.

Dessa forma, essa pesquisa teve como objetivo descrever os desafios do processo de identificação e escolarização de dois estudantes com altas habilidades/superdotação cujo processo metodológico e resultados obtidos serão descritos a seguir.

MÉTODO

PARTICIPANTES

A pesquisa envolveu quatro participantes, sendo dois estudantes identificados com AH/SD e suas respectivas mães. Pedro (nome fictício) tinha 11 anos de idade e frequentava o 6º ano do ensino fundamental na época da entrevista e foi identificado com AH/SD entre quatro e cinco anos de idade. Artur (nome fictício) tinha 20 anos de idade, tinha o ensino básico concluído e cursava Administração na modalidade a distância na época da entrevista.

Silvia (nome fictício), mãe de Pedro tinha 34 anos de idade, possuía formação superior completa e na época da entrevista cursava outra formação superior. Lucia (nome fictício), mãe de Artur tinha 49 anos de idade possuía o ensino médio completo e curso técnico de enfermagem e sua profissão era do lar.

DELINEAMENTO

O estudo caracteriza-se como de abordagem qualitativa, de natureza exploratória e com procedimentos de estudo de caso visto que delimita uma situação específica a ser estudada (identificação das AH/SD e percurso escolar) com o propósito de aprofundar na compreensão desse caso em particular. Os critérios para participar do estudo foi ser identificado com Altas Habilidades/Superdotação, sem idade limitante e/ou ser membro familiar de alguém que possua a identificação de Altas Habilidades/Superdotação, o processo de escolha dos participantes ocorreu por meio de indicações e por conveniências de espaço e contexto.

PROCEDIMENTO DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS

O projeto da pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos e foi aprovado sob parecer nº 2.709.771. A coleta de dados dos quatro participantes foi realizada por meio de um roteiro de entrevista semiestruturada (MANZINI, 2003) elaborado pelos pesquisadores. Sendo um roteiro direcionado aos estudantes identificados com AH/SD e outro roteiro específico para as mães dos estudantes.

As perguntas versavam sobre o processo de identificação das altas habilidades e superdotação e o percurso escolar desses estudantes. As entrevistas foram realizadas individualmente, com duração média de 45 minutos, nas dependências de uma universidade federal do interior do estado de São Paulo e por telefone celular.

As entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas integralmente, e ocorreram durante o mês de setembro do ano de 2018. Segundo a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), foram estruturados os termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), ambos os termos foram apresentados aos participantes e assinados pelos mesmos, assim concordando com as especificações e características que fundamentam a pesquisa.

Após a transcrição das entrevistas foram elaboradas categorias com respaldo dos objetivos traçados para o estudo e análise deu-se por meio de uma perspectiva qualitativa.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nessa sessão são apresentados os resultados obtidos após transcrição das entrevistas e análises realizadas. Duas categorias emergiram a partir dos resultados, sendo: Processo de Identificação e diagnóstico das Altas Habilidade e/ou Superdotação e Percurso escolar e acadêmico.

PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO E DIAGNÓSTICO DAS ALTAS HABILIDADE E/OU SUPERDOTAÇÃO

A precoce e correta identificação do estudante com AH/SD é de suma importância visto que “inicia a atenção educacional voltada as suas necessidades” (CHACON, MARTINS, 2014, p. 363). As pesquisas científicas têm dado enfoque significativo a esse processo de identificação dessa especificidade (CHACON, MARTINS, 2014; FREITAS; HOSDA; COSTA, 2014).

Vale pontuar que a identificação não é tão trivial e que sua correta realização se faz necessária, e segundo Pérez e Freitas (2014) essa identificação

não pode ser feita apenas por um laudo, visto que não se trata de uma patologia ou deficiência aferível, mas ao longo de um processo contínuo e relativamente demorado que precisa avaliar a presença, intensidade e consistência dos indicadores de Altas Habilidades/Superdotação, no contexto escolar, que devem ser registrados em parecer pedagógico (PÉREZ; FREITAS, 2014, p. 637).

Dos dados que emergiram nessa pesquisa, nota-se o papel fundamental da escola nesse processo de identificação, visto que no caso de ambos os participantes foi na escola que as características se tornaram mais evidentes e perceptíveis no contato com os colegas e professores, conforme nota-se na fala das mães dos participantes,

Na pré-escola, uma professora chegou a comentar comigo que ele era muito diferente, né, que tinha algumas particularidades [...]. (Participante Lucia, dados da pesquisa).

quando eu coloquei ele na escola, na educação infantil, ele tinha 4 (quatro) anos, e aí no primeiro dia de aula já a professora veio e falou pra mim “olha, esse menino, o lugar dele não é aqui, ele é muito diferente das outras crianças” [...] “esse menino, ele é muito inteligente” (Participante Silvia, dados da pesquisa).

Percebe-se o papel das oportunidades vivenciadas no ambiente escolar as quais possibilitam a percepção dessas especificidades e ainda, a importância do olhar do professor no processo de identificar tais características. A identificação de qualquer estudante do PAEE é importante que ocorra o mais cedo possível visto que pode favorecer a implementação de práticas inclusivas as quais podem ampliar as oportunidades do estudante para acesso ao currículo e oportunizar que esse estudante experiencie o máximo de oportunidades no ambiente escolar. No caso específico da identificação do estudante com AH/SD Marques (2017) pontua

Em se tratando do aluno com precocidade, a identificação nos primeiros anos de vida proporciona: (i) situar o aluno em um ambiente educativo adequado; (ii) desenvolver práticas pedagógicas que estimulem suas potencialidades; (iii) proporcionar aos pais e professores melhor compreensão em como ajudar seus filhos e alunos; e (iv) evitar problemas futuros como: desajustamento social; frustração e, principalmente, desprezo de seu próprio potencial. (MARQUES, 2017, p. 32).

A identificação formal de Pedro deu-se por meio de uma equipe multidisciplinar da prefeitura da cidade por intermédio de uma Universidade Federal do interior do estado de São Paulo. Tal equipe foi composta por uma profissional da psicologia, uma psicopedagoga e uma fonoaudióloga, e segundo Silvia foi emitido um parecer pedagógico atestando a precocidade de Pedro.

Artur recebeu um diagnóstico advindo de exames médicos e testes de inteligência guiados por uma psicóloga e um médico neurologista. Segundo Lucia a respeito desse diagnóstico,

a princípio chocou a gente porque até então, eu sabia que ele tinha algo diferente, mas eu e o pai não tinha nem ideia, apesar de ser 2006, mas a gente nunca tinha passado por esse processo [...] não fica uma coisa clara pra gente sobre o que é e você tem que descobrir por si só. Então, foi quando meu marido começou a comprar muitos livros. (Participante Lucia, dados da pesquisa).

Lucia pontua que a periodicidade de frequência em médicos perdurou por quase quatro anos, quando que a família decidiu não continuar com o acompanhamento médico o qual segundo Lucia faz-se necessário apenas para esclarecer os comportamentos advindos da AH/SD e a identificação foi necessário para lidar com a escola no que diz respeito a aceitação e providências para Artur, Lucia relata que “*a partir daquele diagnóstico eu tive um pulso mais firme para lidar com a escola, porque nós tivemos muita dificuldade*” (Participante Lucia, dados da pesquisa).

Essa fala revela o quão ainda pode ser tortuoso o caminho de aceitação e oferta de serviços de atendimento provenientes da escola regular para os estudantes do PAEE, até mesmo para os com AH/SD sob os quais predomina o mito de que são autossuficientes em questões acadêmicas.

É interessante destacar sob a ótica dos estudantes esse processo de identificação, o qual segundo Artur foi um processo confuso e incompreensível, segundo ele “*eu não estava entendendo muita coisa. Meus pais me acompanhavam muito, tenho muitos exames que foram feitos. [...] E também lembro de fazer vários testes em frente ao computador.*” (Participante Artur, dados da pesquisa). Já Pedro relata não se lembra muito bem desse processo, mas diz recordar que “*No segundo ano eu fui algumas vezes lá na APAE e fizeram alguns testes comigo*” (Participante Pedro, dados da pesquisa).

Vale pontuar que concomitante às AH/SD Artur possui o diagnóstico de Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) ambos emitidos na mesma época.

A minha mãe por ser uma pessoa mais sentimental do que racional, ela demonstrou isso com muita surpresa, mas ela comentou comigo o pânico, porque ao mesmo tempo que ela ficava feliz de ter o diagnóstico de um filho com altas habilidades, ela ficava triste pelo tratamento que eu recebia na escola e nos lugares que eu frequentava, eu ia num consultório médico eu era a atração, porque eu era agitado em qualquer lugar. Eu ia na igreja, por exemplo eu era o mais agitado, e ela percebia o tratamento diferente das pessoas em relação a essa agitação minha. Eu percebi que ela (mãe) tinha uma relação muito positiva com a superdotação, mas quando era o TDAH e a minha a agitação, ela tinha uma visão mais negativa [...] (Participante Artur, dados da pesquisa).

A fala de Artur reforça a visão de que as AH/SD é recebida com maior receptividade no geral se comparada a quaisquer outras especificidades que podem afetar o comportamento do estudante. Acontece que ainda se acredita que possuir AH/SD isenta o sujeito de dificuldades seja no âmbito acadêmico ou pessoal (ALVES, NAKANO, 2015; AZEVEDO, METTRAU, 2010). No entanto, analisando a fala dos dois participantes desse estudo pode-se perceber que dificuldades são inevitáveis também para esse público, segundo Artur “*por conta do que você vê seus pais, professores falando, e você se sente um pouco diferenciado e começa a puxar para o lado mais negativo do diagnóstico*” (Participante Artur, dados da pesquisa). Essa percepção também é pontuada por sua mãe que relata que “*muitas vezes ele [Artur] falava “eu sou um nada mesmo, eu não vou servir para nada, eu não vou prestar para nada”, “ninguém gosta de mim porque eu sou desse jeito e esse jeito não é certo de ser”*”, mais adiante e de forma mais preocupante Lucia relata que,

teve muitos episódios na vida dele, até o ponto dele falar em morrer, que ele preferia morrer, do que continuar vivendo daquele jeito, uma vez ele chegou a pedir para mim, pra ajudar ele a se matar, então assim foi muito um agravante pra gente. (Participante Lucia, dados da pesquisa).

No caso específico de Artur, o diagnóstico de TDAH levou a família a opção de uso de medicamentos (Ritalina e Concerta), “quando foi feito o diagnóstico a gente optou pela medicação, que a gente veio a se arrepender depois, mas a gente optou pela medicação” (Participante Lucia, dados da pesquisa). O uso dos medicamentos trouxe comprometimentos os quais, segundo a mãe, “ele parou de crescer, desenvolvimento físico dele, crescimento dele, parou estacionou, e aí ele teve um problema no fígado” todos esses comprometimentos comprovados posteriormente por médicos como sendo efeitos colaterais dos medicamentos. A respeito do funcionamento dessas medicações no organismo Moysés (2013) esclarece que,

A Ritalina, assim como o Concerta (que tem a mesma substância da Ritalina – o metilfenidato, é um estimulante do sistema nervoso central - SNC), tem o mesmo mecanismo de ação das anfetaminas e da cocaína, bem como de qualquer outro estimulante. Ela aumenta a concentração de dopaminas (neurotransmissor associado ao prazer) nas sinapses, mas não em níveis fisiológicos. É certo que os prazeres da vida também fazem elevar um pouco a dopamina, porém durante um pequeno período de tempo. Contudo, o metilfenidato aumenta muito mais. Assim, os prazeres da vida não conseguem competir com essa elevação. A única coisa que dá prazer, que acalma, é mais um outro comprimido de metilfenidato, de anfetamina. Esse é o mecanismo clássico da dependência química. É também o que faz a cocaína. (MOYSÉS, 2013, s/p).

Todo esse esgotamento levou a família a optar por interromper o uso desses medicamentos os quais comprometiam o desenvolvimento de Artur dada as reações adversas comuns para esse tipo de medicação.

Esses resultados reforçam a necessidade de para além de pesquisas científicas as quais abordam as questões escolares que envolve as AH/SD, é de extrema necessidade investigar os obstáculos que surgem decorrente da identificação dessa especificidade os quais podem desencadear problemas de natureza emocionais e sociais desses sujeitos. Alencar (2007) destaca a ênfase dada as questões cognitivas em detrimento a outras dimensões como a socioemocional, sendo necessário um aumento no número de publicações nesse sentido. É preciso sensibilidade para reconhecer que além de habilidades cognitivas os indivíduos identificados com AH/SD possuem emoções cuja quais não for fornecida atenção necessária podem desencadear barreiras para o desenvolvimento de habilidades desejadas.

PERCURSO ESCOLAR E ACADÊMICO

Ambos os participantes, Pedro e Artur, relataram não experienciar situações de diferenciação ou bullying pelos colegas da escola, até mesmo como medida de proteção a opção de Pedro era omitir-se quanto a essa especificidade e segundo ele, “eu não falava pra evitar esse tipo de

bullying’. Em uma situação isolada, e talvez mais decorrente do TDAH, Artur relata durante a entrevista

uma vez que marcamos de fazer um trabalho em grupo, e não me chamaram para fazer, porque eu era mais agitado, mas foi a única vez. (Participante Artur, dados da pesquisa).

Já quando questionados acerca do sentimento com relação a escola diante do fato de possuir AH/SD as falas de Pedro e Artur revelam dificuldades para enquadrar-se aos moldes propostos pelo ensino atual. Artur ao referir-se a dinâmica do ensino superior presencial, o qual vivenciou por um curto período, destaca que

Foi uma das coisas mais frustrantes que aconteceu na minha vida a faculdade presencial, eu comecei a fazer Engenharia de Biosistemas, eu me frustrei principalmente com os professores, com a faculdade, com o sistema, eu penso que na faculdade pública você aceita a jogar o jogo dela ou você precisa se retirar. O mais engraçado é que eu fui bem nas únicas provas que eu fiz [...]. Mas na sala quase não se "aprendia muito". [...] quanto mais eu me cobrava mais minha atenção ia embora, a cobrança por causa de nota, tempo. (Participante Artur, dados da pesquisa).

É possível notar pela fala de Artur o comprometimento oriundo possivelmente do TDAH sob as potencialidades das AH/SD, visto que ele relata possuir notas altas nas avaliações, no entanto, sua dificuldade em manter a atenção e ajustar-se a sistemática do ensino superior pode ter comprometido sua permanência nessa modalidade de ensino. Esse fato na experiência acadêmica de Artur pode ser explicado pela dupla excepcionalidade a qual define-se como a coexistência de capacidades e habilidades superiores em determinadas áreas juntamente com comprometimentos no comportamento os quais são incompatíveis com as AH/SD (ALVES, NAKANO, 2015; RIZZA, MORRISON, 2007).

Os participantes foram questionados sobre a oferta de AEE em uma Sala de Recursos Multifuncionais, Artur manifestou-se dizendo que segundo ele “*as únicas aulas paralelas que frequentei foram Química e Física avançadas no ensino médio*” (Participante Arthur, dados da pesquisa), já Pedro revela que

[...] até o 5º ano fiz um atendimento a tarde na sala de recursos, os professores, eles de vez em quando me davam alguns exercícios complementares não tanto a ver com a matéria que fosse cair em alguma prova, mas só para eu não ficar entediado. Se eu sei o que é um plano pedagógico, eu sei mais ou menos que é o modo que o professor dá aula, a matéria né? E nunca foi feito um plano pedagógico comigo, eu só tinha algumas atividades complementares mesmo. (Participante Pedro, dados da pesquisa).

A fala de Pedro, indica o que algumas pesquisas tem revelado acerca do uso deturpado com relação ao verdadeiro papel e função do AEE, quando que a aplicação de “*alguns exercícios complementares não tanto a ver com a matéria que fosse cair em alguma prova, mas só pra eu não ficar entediado*” não condiz com a função desse serviço.

Dentre as modalidades de programas implementadas e que visam o atendimento as especificidades do estudante com AH/SD, destacamos o programa de aceleração o qual

possibilita a “oportunidade de cumprir a proposta curricular da escola em menor tempo, avançando com maior rapidez e com a possibilidade de maior aprofundamento” (FREITAS; STOBÄUS, 2011, p. 490) e é assegurado pela LDB em seu artigo 59 “aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados”. Questionados acerca da participação em algum programa com esse propósito, os participantes relatam,

eu passei por ele [aceleração], eu pulei a 6º fase do infantil, porque a minha mãe me dizia que valia mais a pena eu pular de fase, porque eu já sabia ler, já sabia escrever, já sabia fazer as operações básicas, então não havia muito motivo pra eu continuar lá na 6º fase do ensino infantil, eu fui acelerado para o 1º ano. (Participante Pedro, dados da pesquisa).

eu entrei um ano antes e me formei com 17 anos, mas hoje com a cabeça que eu tenho, se fosse proposto pra mim, eu não aceitaria de jeito nenhum, porque na minha percepção um aluno pode estar com a capacidade cognitiva de matéria, matéria da escola, física, matemática em dia para ele pular de série, mas para o desenvolvimento social, emocional, acho que não vale a pena. Acho que acaba forçando a pessoa em si, a queimar etapas de amadurecimento. (Participante Artur, dados da pesquisa).

Nota-se duas situações na experiência dos participantes, o avanço para uma série avançada no caso de Pedro dada a constatação de domínio dos conteúdos e, ainda a admissão precoce como foi o caso de Artur, sendo ambas situações discutidas na literatura (SABATELLA, 2005; GUENTHER 2009). Embora seja uma prática defendida por alguns autores da área (DELOU, 2007) ainda há ponderações a ser levadas em consideração, como as situações advindas do ato de acelerar, como exigências emocionais ocasionadas pela convivência com colegas de idade mais avançadas (PÉREZ, 2003) e esse é um fato levantado na fala de Artur, o qual relata não perceber aspectos positivos da entrada precoce na escola do ponto de vista social e emocional e segundo ele pode “queimar etapas de amadurecimento”. (Participante Artur, dados da pesquisa).

Vale ressaltar que apenas a prática de aceleração torna-se inócua se medidas complementares não forem também adotadas e praticadas (GUENTHER, 2009), no entanto nota-se ainda as mesmas práticas as quais não corroboram com o desenvolvimento das possíveis habilidades desses estudantes e que podem acumular frustrações e desmotivação do estudante para com o ambiente escolar,

eu me sinto bem desmotivado em ir pra escola porque é tudo muito fácil, eu termino tudo muito rápido e principalmente nas aulas de matemática en... me sinto bastante desmotivado em ir... porque nunca tem muita coisa pra fazer que vá me... influenciar pra querer ir na escola de novo e etc. (Participante Pedro, dados da pesquisa).

Na fala de Pedro nota-se que embora a prática da aceleração tenha sido adotada ainda a abordagem usada na escola não desperta o interesse e motivação do estudante. Do ponto de vista de Sílvia, mãe de Pedro a aceleração trouxe benefícios

Ele tem uma relação boa com a turma dele, sempre teve, a partir da aceleração [...] porque na educação infantil era muito complicado porque... ele não se igualava com as outras crianças, as outras crianças

eram muito novinhas [...] e ele já era muito mais maduro, digamos assim, do que as outras crianças, ele tinha um pensamento diferente. Quando ele foi acelerado, que ele foi para o fundamental, ele começou a conviver com crianças que eram 1 (um) ano mais velhas que ele, então assim, de lá para cá, eu tive menos problemas, não que os problemas não existiram, mas eu tive menos problemas quanto a isso, então assim, dificuldades na escola, sempre, porque ele vai para a escola porque ele tem que cumprir o currículo e tudo mais, mas é um conteúdo que ele já sabe, ou é algo que ele aprende muito rápido [...]. (Participante Silvia, dados da pesquisa).

Mas mesmo assim, a desmotivação em ir para a escola ainda perdurava e Silvia em sua fala destaca o desgaste de Pedro ao ser submetido a atividades as quais são fáceis demais para seu nível cognitivo,

[...] apesar de ele estar adiantado, de ele ser 1 (um) ano mais novo que os colegas dele, ele continua sendo, assim, mais maduro digamos, do que os colegas [...]. Mas o que deixa ele mais triste mesmo é ele ir pra escola pra fazer aquilo que ele já sabe, ele diz que ele perde tempo na escola, então assim, é uma questão muito difícil, eu acho que a questão mais difícil de lidar é essa [...] de você ter que mandar seu filho pra escola, pra ele ter que fazer um conteúdo que ele já sabe, e ele ter que fazer várias vezes e ele ter que seguir aquela regra [...]. (Participante Silvia, dados da pesquisa).

Dessa forma, vê-se a importância de pesquisas que explorem possibilidades e abordagens as quais possam favorecer a implementação de programas de incentivo ao desenvolvimento de habilidades para estudantes com AH/SD (como a aceleração) de forma que ao mesmo tempo considere questões como essa sinalizada no caso de Pedro.

Artur revela em sua fala perceber incentivos e estímulos dos professores durante um determinado período de sua escolarização

[...] a partir da 5ª série eu recebi estímulos diferentes por parte dos professores, principalmente de artes e matemática, e foi nesse momento que eu comecei a desenvolver melhor essas habilidades, e foi quando eu iniciei as aulas de futebol, hapkido que é uma luta coreana e em seguida a música também, foi a partir desses estímulos desenvolvi as AH/SD, acho que eu devia ter entre 10 e 13 anos. (Participante Artur, dados da pesquisa).

Acontece que ainda não contamos com uma escola preparada para lidar com todas as especificidades advindas da inclusão escolar até mesmo com as oriundas das AH/SD, visto que o atendimento especializado também deve ser previsto para esse público (RECH, FREITAS, 2005). E ainda vale reforçar que não é possível estabelecer práticas padrões, como “receitas” para todos os estudantes com AH/SD ou qualquer outra característica específica, isso porque cada caso é um caso e deve ser analisado com respeito as suas individualidades.

Há de se ponderar ainda a problemática da precária formação docente, tão evidenciada pelas pesquisas da área. Já é consenso entre os pesquisadores da Educação Especial que a formação inicial brasileira não oferece formação adequada aos futuros professores das diversas licenciaturas acerca da Educação Especial como um todo (PLETSCH, 2009) tão pouco para a especificidade da AH/SD (PÉREZ; FREITAS, 2014). Dessa forma, enquanto não dispormos de políticas verdadeiramente efetivas há de se continuar assistindo um cenário estagnado e/ou lento no que diz respeito ao cumprimento de práticas inclusivas. No caso específico dos estudantes

com AH/SD é desejável maior efetividade no processo de identificação uma vez que essa etapa é primordial para posteriores previsões de atendimento que atenda suas especificidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse artigo se propôs a apresentar dois casos de estudantes identificados com altas habilidades e superdotação. Foi descrito o percurso desde o processo de identificação sob o ponto de vista dos estudantes e de suas respectivas mães até algumas particularidades que emergiram acerca do percurso escolar dos participantes. As informações foram coletadas por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas segundo roteiros construídos pelos pesquisadores e a análise percorreu um caminho qualitativo.

Nas análises das falas dos participantes foi possível corroborar o fato de que possuir AH/SD não garante o pleno desenvolvimento extraordinário no âmbito educacional e a crença de que são pessoas globalmente desenvolvidas é na verdade um mito, isso porque foi possível identificar problemas emocionais e obstáculos segundo os participantes. Para os casos analisados pôde-se perceber que vários obstáculos perpassam a vida dos estudantes e que na ausência de estímulos e incentivos os quais busquem promover o desenvolvimento das AH/SD, a escola pode-se tornar locus de frustração e desmotivação para esses estudantes.

Os resultados sinalizam a importância da escola e da família no processo de identificação bem como o papel do professor como catalisador das habilidades propensas de serem desenvolvidas e aprimoradas nesses estudantes. No entanto, um obstáculo que se mostra forte comprometedor é a precária formação desses profissionais (MARTINS, ALENCAR, 2011), visto que os cursos de formação inicial ainda oferecem insuficiente formação que capacita o professor a lidar com a heterogeneidade resultante da inclusão escolar.

Conforme já elencado por outros autores, os resultados corroboram a necessidade de pesquisas científicas com enfoque nas questões emocionais advindas da identificação das AH/SD visto que essas podem comprometer o pleno desenvolvimento de outras habilidades.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, E. M. L. S. Características sócio-emocionais do superdotado: questões atuais. *Psicologia em Estudo*, v. 12, n. 2, p. 371-378, maio/ago. 2007.

ALVES, R. J. R.; NAKANO, T. C. A dupla-excepcionalidade: relações entre altas habilidades/superdotação com a síndrome de Asperger, transtorno de déficit de atenção e hiperatividade e transtornos de aprendizagem. *Rev. Psicopedagogia*, v. 32, n. 99, p. 346-60, 2015.

AZEVEDO, S. M. L. de; METTRAU, M. B. Altas habilidades/superdotação: mitos e dilemas docentes na indicação para o atendimento. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 30, n.1, p.32-45, 2010.

BRASIL. *Resolução CNE/CEB nº 2, de 11 de setembro de 2001*. Institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Brasília: MEC/CNE/CEB, 2011.

BRASIL. *Política Nacional de Educação Especial para educação inclusiva*. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

BRASIL. *Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011*. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em 18 mar. 2019.

CHACON, M.C.M.; MARTINS, B.A. A produção acadêmico-científica do Brasil na área das altas habilidades/superdotação no período de 1987 a 2011. *Revista Educação Especial*, v. 27, n. 49, p. 353-372, 2014.

DELOU, C. M. C. Educação do aluno com altas habilidades/superdotação: Legislação e políticas educacionais para a inclusão. In: FLEITH, D. S. (org.). *A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação: volume 1: orientação a professores*. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2007.

FREITAS, S. N.; HOSDA, C. B. K.; COSTA, L. C. A produção científica em altas habilidades/superdotação nas revistas brasileiras de educação especial. *Revista Diálogos e Perspectivas em Educação Especial*, v. 1, n.1, p. 75-84, jun./dez., 2014.

FREITAS; S. N.; STOBÄUS, C. D. Olhando as altas habilidades/superdotação sob as lentes dos estudos curriculares. *Revista Educação Especial*, v. 24, n. 41, p. 483-500, set./dez. 2011.

GUENTHER, Z. C. Aceleração, ritmo de produção e trajetória escolar: desenvolvendo o talento acadêmico. *Revista Educação Especial*, v. 22, n. 35, 2009.

MANZINI, E. J. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada. In: MARQUEZINE, M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE, S. (Org.). *Colóquios sobre pesquisa em educação especial*. Londrina: Eduel, 2003. p.11-25.

MARQUES, D. M. C. *Aluno com Altas Habilidades/Superdotação: um estudo longitudinal a partir da Teoria das Inteligências Múltiplas*. 2017. 201f. (Tese de Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2017.

MARTINS, A. C. S. ALENCAR, E. S. Características desejáveis em professores de alunos com altas habilidades/superdotação. *Revista Educação Especial*, v. 24, n. 39, p. 31-46, jan./abr., 2011.

MARTINS, B. A.; CHACON, M. C. M. Características de Altas Habilidades/Superdotação em Aluno Precoce: um Estudo de Caso. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v. 22, n. 2, p. 189-202, abr./jun., 2016.

MOYSÉS, C. *A ritalina e os riscos de um 'genocídio do futuro'*. Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2013/08/05/ritalina-e-os-riscos-de-um-genocidio-do-futuro>>, 2013

PÉREZ, S. G. P. B. Mitos e crenças sobre as pessoas com altas habilidades: alguns aspectos que dificultam o seu atendimento. *Revista Educação Especial*, v. 2, n. 22, p. 45-59, 2003.

PÉREZ, S. G. P. B.; FREITAS, S. N. Políticas públicas para as Altas Habilidades/ Superdotação: incluir ainda é preciso. *Revista Educação Especial*, v. 27, n. 50, p. 627-640, set./dez. 2014.

PLETSCH, D. A formação de professores para a educação inclusiva: legislação, diretrizes políticas e resultados de pesquisas. *Educar em revista*, v. 33, p. 143-156, 2009.

RECH, A. J. D.; FRETTAS, S. N. Uma análise dos mitos que envolvem os alunos com Altas Habilidades: a realidade de uma escola de Santa Maria/RS. *Revista Brasileira de Educação Especial*, mai./ago., v.11, n.2, p.295-314, 2005.

RIZZA, M. G, MORRISON, W. F. Identifying twice exceptional children: a toolkit for success. *Teaching Exceptional Children Plus*. v. 3, n. 3, 2007.

SABATELLA, M. L. P. *Talento e superdotação: problema ou solução?* Curitiba: Ibpx, 2005.

VALENTIM, B. de F. B., VESTENA, C. L. B., NEUMANN, P. Educadores e estudantes: um olhar para a afetividade nas Altas Habilidades/Superdotação. *Revista Educação Especial*, v. 27, n. 50, p. 713-724, set./dez., 2014